



AULA 4: "O NACIONALISMO ÁRABE: ORIGENS E RAMIFICAÇÕES"

Palestrante: **Prof. Dr. José Arbex Jr.** (PUC-SP)

1. O conceito de nação e estado nação - uma "invenção" europeia
 - ❖ estudo de casos: América Latina, povos originários, Brasil
2. A idéia de "nação árabe" como violência conceitual
 - ❖ "Estado Nação" e "Islã": idéias fora de lugar
3. A idéia de "nação árabe" como auto-defesa
 - ❖ a luta anti-imperialista
 - ❖ o ideal nacionalista transcendente de Aflaq
4. Formulações teóricas e políticas sobre "nação árabe" no mundo contemporâneo o redesenho do Oriente Médio:
 - ❖ Israel
 - ❖ o petróleo
 - ❖ o caso do Iraque
5. E agora, José?

NACIONALISMO

I. As bases do debate:

- ❖ Nação, Estado – nação e modernidade: a relação entre o Ocidente e o mundo árabe
- ❖ As origens da questão nacional árabe moderna: império ocidental x mundo árabe subjogado.

Final do século 19: a contribuição de Gamal al-Din (o afegão): agitador anti-imperialista, nascido no Irã (1938), dedicou a vida à luta contra a ocupação britânica. Formulou o primeiro programa coerente e ideologicamente consistente de emancipação dos povos árabes. Perseguido pelos ingleses e associados, viveu exilado na Turquia, Egito e França, desde 1868 até a sua morte, em 1897. Al-Din rejeitava a atitude de hostilidade sistemática para com as inovações. Propunha retornar à pureza original do Islã, mas ao adaptando-o, ao mesmo tempo, às condições reais da modernidade. Lançou o movimento da *salafiyya*, cuja dialética implicava usar as técnicas e a disciplina ocidentais e, benefício da ressurreição do mundo muçulmano.

Seu discípulo Muhamad Abdu (1845-1905) enfrentou os islâmicos tradicionalistas, apontando a necessidade de se adotar um pensamento filosófico baseado na razão. Dizia que, como demonstrado pelos grandes pensadores religiosos do passado, não havia incompatibilidade alguma entre a razão e a fé islâmica. Tanto Al-Afgãni como M. Abdu trataram de estimular o orgulho árabe para com sua antiga cultura, procurando fazer com que os muçulmanos se livrassem do "complexo de inferioridade" perante os ocidentais, que os levava ao fatalismo existencial e à inanição política.

II. Pequena cronologia e apontamentos históricos

1. **1908**: petróleo no Irã



“MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO: HISTÓRIA E GEOPOLÍTICA”

- ❖ Começa a “corrida ao petróleo” do Oriente Médio

2. **1914 – 18**: Primeira Guerra

❖ T. E. Lawrence na Arábia: promessa (depois traída) de criação de um Estado nação árabe, em troca de apoio aos esforços de guerra britânicos contra o Império Otomano.

3. **16 de maio de 1916**: Acordo Sykes – Picot, entre Grã-Bretanha (Mark Sykes) e França (François Georges-Picot).

❖ O Reino Unido recebeu o controle dos territórios correspondentes, grosso modo, à Jordânia e ao Iraque, bem como uma pequena área em torno de Haifa. A França ganhou o controle do sudeste da Turquia, da Síria, do Líbano e do norte do Iraque. As duas potências ficaram livres para definir as fronteiras dentro daquelas áreas.

A Palestina seria colocada sob administração internacional, aguardando consultas com a Rússia e outras potências.

Após a Revolução Russa (1917), Lênin denunciou as reivindicações da Rússia czarista sobre o Império Otomano e tornou pública uma cópia do Acordo Sykes-Picot (até então secreto), bem como outros tratados.

O ajuste foi posteriormente ampliado para incluir a Itália e a Rússia. A primeira receberia algumas ilhas do Egeu e uma esfera de influência em torno de Izmir, no sudoeste da Anatólia, enquanto que a segunda ficaria com a Armênia e partes do Curdistão. A presença italiana na Anatólia e a divisão dos territórios árabes foram em seguida formalizadas pelo tratado de Sèvres, de 1920.

Os principais termos do acordo foram confirmados pela Conferência inter-aliada de San Remo, em 19-26 de abril de 1920, e pelo Conselho da Liga das Nações em 24 de julho de 1922, estabelecendo os mandatos britânico e francês correspondentes às áreas definidas pelo ajuste de 1916.

4. 1917: **Declaração Balfour**:

- ❖ Promessa de criação de um Lar Nacional Judeu na Palestina. Objetivo da DB: recrutar o apoio dos judeus estadunidenses para o esforço de trazer os Estados Unidos para a guerra no lado dos aliados.

5. Pós Primeira Guerra: **Impactos no mundo árabe / islâmico**:

- ❖ **Mustafá Kemal Atatürk**: “ocidentalização” da Turquia
- ❖ **Fundamentalismo**, a partir de 1928 / 1929, com a criação da Irmandade Muçulmana no Egito (Hassan el Banah)

Idéia síntese do fundamentalismo: rejeição ao colonialismo e aos valores ocidentais, retorno à pureza do Islã, prática do assistencialismo para com os mais pobres, refundação do califado unificado no mundo muçulmano (umma), sob a autoridade exclusiva do Corão, abolição das instituições implantadas no mundo islâmico pelo Ocidente, com a conseqüente extinção dos estados árabes tais como começavam a ser então implantados pelas potências coloniais

❖ **Pan-arabismo**: Idealizado, em sua forma original, por Michel Aflaq, criador do Partido Baath. Aflaq nasceu em Damasco, numa família de religião cristã grega-ortodoxa, da classe média. Frequentou, em Paris, a Universidade da Sorbonne, no final dos anos 20, princípios da década de 1930, onde leu as obras de Marx, Nietzsche, Lenin, Mazzini, e ideólogos alemães nacionalistas e fascistas. De volta a Damasco, nos anos 30, passou a dar aulas e a divulgar idéias nacionalistas revolucionárias. Aflaq não admitia que as idéias ocidentais tivessem mais importância para a sociedade do que a superior civilização árabe.

Em 1940, fundou um clube de discussões em Damasco que acabou por se tornar o movimento do renascimento árabe. Em 1947, ele transformou o nome em partido Baath



“MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO: HISTÓRIA E GEOPOLÍTICA”

(renascimento). O seu partido tornar-se-ia popular nos anos que se seguiram, sobretudo entre as classes média-baixa. Teve ramificações no Iraque, Jordânia e Líbano. Em meados da década de 1950, o partido Baath tinha-se tornado a maioria na Síria, graças em parte à fusão com o partido socialista árabe. Em 1966, exilado após perder uma disputa interna no partido, deixou o país. Viveu no exílio no Líbano e depois no Brasil. Em 1968, após o golpe de estado que colocou Saddam Hussein no poder, o Iraque passou a ser controlado em nome da ideologia do partido Baath. Ele foi convidado a viver no Iraque. Viveu ali 15 anos.

O nacionalismo árabe tal como defendido por Aflaq não é um conceito secular mas sim uma força espiritual transcendente, tal como a idéia de Hegel do "espírito da história" (Zeitgeist). A Nação árabe é o ideal aspirado e a próxima fase da história. A nação árabe o culminar espiritual. Os árabes deveriam obter nessa nação a perfeição espiritual e livrar-se das influências nefastas do ocidente. Citação de Aflaq: "(os árabes) "precisam de esquecer aquilo que aprenderam de modo a poderem retornar à sua natureza pura original". Apesar de ser cristão, Aflaq acreditava que o Islã fornecia aos árabes "a imagem mais brilhante da sua linguagem e literatura e a parte mais grandiosa da sua história nacional".

6. 1939 – 45: **Segunda Guerra Mundial**

- ❖ 1948: criação do Estado de Israel, diáspora Palestina

7. Guerra Fria e des-colonização: “questão nacional árabe” e a “questão palestina”

- ❖ O pan arabismo de Gamal Abdel Nasser
- ❖ A Conferência de Bandung (1955)
- ❖ A Guerra do Suez (1956)
- ❖ A Guerra dos Seis Dias (1967)

8. Mundo contemporâneo (guerra ao terror, novas cruzadas, Afeganistão e Iraque)

Bibliografia básica:

1. *Os sete pilares da sabedoria*, T. E. Lawrence. Ed. Record.
2. *Orientalismo*, Edward Said. Ed. Companhia das Letras.
3. *Uma história dos povos árabes*, Albert Hourani. Ed. Companhia das Letras.
4. *Islã – um enigma contemporâneo*, José Arbex Jr.. Ed. Moderna.
5. *Sociologia do Islã – fenômenos religiosos e lógicas sociais*, Enzo Pace. Ed Vozes
6. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*, Max Weber. Ed. Companhia das Letras
7. *Mudança estrutural da esfera pública*, Jurgen Habermas. Ed. Tempo Brasileiro

JOSÉ ARBEX JR. - Doutor em História Social pela USP, coordenador do curso de pós-graduação e professor de jornalismo da PUC-SP, editor especial da revista Caros Amigos, membro do conselho editorial do jornal “Brasil de Fato” e autor de vários livros, entre os quais: “Terror e esperança na Palestina”, “Showrnalismo – a notícia como espetáculo” e “Jornalismo canalha”.